



NARRATIVAS SOBRE INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Luana Carola dos Santos¹
Cássia Beatriz Batista²
Thaíres Costa Ferreira³

RESUMO: O estágio em psicologia realizado em uma escola particular católica da cidade de Belo Horizonte é o instigador da reflexão deste artigo que toma a Psicologia Social para uma atuação junto a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os jovens e adultos inseridos nesta escola apresentam trajetórias de trabalho formal e informal e representam um grupo cultural específico com experiências de exclusão social, econômica e escolar. Iniciamos nossa intervenção psicossocial com ações direcionadas aos alunos, a saber: oficinas de grupo e acolhimento individual. Tais metodologias nos possibilitaram trabalhar questões pessoais e grupais, bem como as repercussões das mesmas, na vida e no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Várias questões foram abordadas no contexto da intervenção, como: relações interpessoais, preconceito, direitos e cidadania, história, projeto de vida, memória, integração grupal, aprendizagem, dentre outras. A abordagem psicossocial que adotamos pauta-se na psicossociologia e também nas contribuições de Paulo Freire. Conforme este autor aprender é se apropriar do mundo, problematizá-lo, colocar-se criticamente diante dele, indo além dos muros da sala de aula e envolvendo toda uma vivência cotidiana. Através das narrativas dos alunos acreditamos na possibilidade de construção de novos discursos e, assim, novas formas de pensar a abordagem clínica no cenário escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia escolar; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Intervenção psicossocial; Psicossociologia.

ABSTRACT: The internship in psychology conducted in a Catholic private school in the city of Belo Horizonte is the instigator of this discussion paper that takes the social psychology to a performance with the Youth and Adults (EJA). Young people and adults have entered this school trajectories of formal and informal work and represent a cultural group with specific experience of social exclusion, economic and educational. We began our involvement with psychosocial actions directed to students, namely, group workshops and individual host. These methodologies allowed us to work on issues of personal and group, and the repercussions thereof, in life and in the process of teaching and student learning. Several issues were addressed in the context of intervention, such as: interpersonal relationships, prejudice, rights and citizenship, history, life plan, memory, group integration, learning, among others. A psychosocial approach that we adopt the agenda on the social psychology and also the contributions of Paulo Freire. As this poster is to learn to take ownership of the world, problematize it, put up before him critically, beyond the walls of the classroom and involving an entire daily life. Through the narratives of the students believe in the possibility of constructing new discourses and thus new ways of thinking about the clinical approach in a school setting.

KEYWORDS: School psychology, Youth and Adults, Psychosocial intervention, Social psychology.

1 JOVENS E OS ADULTOS NA ESCOLA E A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA

O estágio em psicologia aqui relatado foi realizado em uma escola particular na cidade de Belo Horizonte, originado da solicitação da coordenação pedagógica da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para atuar com os alunos desta instituição. Desenvolvemos uma propos-

¹ Psicóloga (PUC Minas São Gabriel). Mestre e doutoranda em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). luanacarola@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). cassiabeatrizb@gmail.com

³ Psicóloga. Pós-Graduada em Construcionismo Social: práticas psicossociais pós-modernas (PUC MINAS). thairescostaf@gmail.com

ta⁴ de intervenção psicossocial por meio de oficinas de grupo e o acolhimento individual, que seria configurada a partir das interações e demandas surgidas no cotidiano do trabalho. Enquanto a equipe de psicologia da escola atuava com o ensino fundamental II e médio da EJA, optamos por trabalhar com os alunos do primeiro segmento - 1^a a 4^a séries – que em sua proposta curricular comportava disciplinas tradicionais da escolarização: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências.

A equipe de psicologia, além da professora supervisora e psicólogas da escola que acompanharam o estágio, era composta também por quatro estagiárias. O trabalho da psicologia iniciou-se com oficinas de grupo com as quatro turmas de EJA, do primeiro segmento, que foram reorganizadas em dois grupos de aproximadamente vinte alunos cada. Os encontros eram quinzenais, durante o primeiro horário de permanência deles na escola, no período noturno. Durante o semestre letivo, cada dupla de estagiárias realizou oito encontros com cada grupo. A experiência refletida aqui se refere à atuação de uma das duplas com os alunos de 1^a e 2^a séries.

O grupo de alunos com o qual trabalhamos era pequeno, sendo assim trabalhamos com as turmas juntas. Em uma semana, os encontros grupais aconteciam na sala da primeira série, na outra semana, na sala da segunda série. Procuramos convidar os alunos para nos auxiliar na organização dos círculos que fazíamos antes de começarmos as atividades. Vale à pena lembrar que tanto a primeira quanto a segunda série tinham características de turmas receptivas e demonstravam-se abertas para as atividades conduzidas pela dupla de estagiárias de psicologia.

Os jovens e adultos inseridos nesta escola pertencem a um grupo cultural com vivências de exclusão social, econômica e escolar. São homens e mulheres com trajetórias diversas de trabalho, formal e informal, com uma rotina diária, ou já aposentados. A maioria era mulheres, empregadas domésticas, moradoras em casa de família, enquanto os homens tinham ocupações variadas como porteiro ou engraxate.

Considerando a escola um espaço sociocultural, como proposto por Dayrell (1996), procuramos realizar nossas intervenções focando no cenário educacional que se apresentava, a fim de repensar os papéis dos sujeitos na instituição e, para isso, buscamos estabelecer diálogos com os professores, diretores e psicólogas da EJA. Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la por meio da cultura, sob um olhar mais complexo, que leva em conta os seguintes aspectos:

⁴ O estágio curricular intitulado “Intervenção Psicossocial em Educação” foi desenvolvido no 1º semestre de 2009.

dimensão do dinamismo, do fazer cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. (DAYRELL, 1996, p. 136).

A primeira demanda apresentada pelo grupo de alunos se referiu às dificuldades nas relações em sala de aula. Recorremos ao método de oficinas de grupo (AFONSO, 2002) que permitiram aos indivíduos em grupo, focalizar as questões a partir da troca de experiências e expectativas e abrir para outras discussões. Assim, ao longo do semestre, outras temáticas foram surgindo como: amizade, confiança, convivência e conflitos relacionais, comunicação, violações de direitos, preconceitos, cidadania, direitos e deveres dos trabalhadores, história de vida e projetos futuros. Ao final de cada encontro, uma breve avaliação do trabalho era realizada juntamente com levantamento de outros temas para os próximos encontros.

Procuramos trabalhar com o grupo as várias formas de aprendizagem, provocando assim questionamentos sobre outras pessoas que nos ensinam, além da professora; outros conteúdos que aprendemos na escola, além das matérias da aula; outros espaços de aprender, além da escola. Com isso, refletimos sobre os diversos processos educativos que atravessam nosso cotidiano, sobretudo a educação formal e não formal (BATISTA; ANDRADE, 2010). Discutir temas como racismo, relações de gênero, relação com o colega não seriam modos de aprender? Todas estas indagações permearam as atividades extra-aula da EJA, bem como foram norteadoras da intervenção, provocando reflexões e novos posicionamentos.

[...] o olhar psicossocial que norteava o trabalho permitia uma compreensão das relações entre os sujeitos na escola, seus processos grupais e papéis sociais, e os atravessamentos institucionais que envolviam a ação pedagógica e educativa, e assim, as intervenções podiam contribuir para a garantia de um espaço escolar mais criativo e democrático (BATISTA; OLIVEIRA; CARDOSO, 2007, p. 304).

Nessa perspectiva da pesquisa-intervenção psicossocial, as autoras (2007) buscaram “compreender as interações e ressignificar os saberes na idade adulta” (p.305). Trabalhar com essa metodologia no cenário escolar viabilizou a construção de ações desestabilizadoras de modos instituídos de pensar e de ensinar, envolvendo os sujeitos em processos mais autônomos e provocando um reposicionamento de tais sujeitos frente às diversas realidades vividas.

Observamos que ao longo dos encontros e das atividades o grupo foi tomando novas configurações, aqueles que não falavam começaram a falar mais. Aqueles que falavam muito foram pontuados por alguns componentes do grupo com a seguinte frase: “*Você já falou demais, deixa outro falar*” (Sic). O aumento da participação dos integrantes e as mediações das

falas realizadas por eles próprios, vão demonstrando mudanças na dinâmica e funcionamento grupais.

Outra demanda que se apresentou também foi às relações interpessoais com a turma. Segundo os participantes, algumas pessoas não cumprimentavam outras que intitulavam isso como falta de educação. Colocamos esta questão no grupo, e os participantes trouxeram questões de sua rotina, e do cansaço diário para falar do “não cumprimentar”. Foi um momento de compartilhar vivências e histórias.

O nosso último encontro teve um caráter mais avaliativo do processo construído. Pedimos aos participantes que escrevessem, colassem e/ou desenhassem coisas que avaliassem e/ou representassem nosso trabalho. Segundo eles, o trabalho da psicologia gerou espaços para pensarem mais em suas vidas, na relação que tem com os outros, com o trabalho e com sua família. “*Aprenderam a pensar mais*”. (Sic). Foi um espaço de trocas de expectativas, tanto dos alunos quanto nossas e socialização das experiências que tiveram ao participar das oficinas.

Observamos que tanto a intervenção psicossocial, como a educação libertadora, proposta por Paulo Freire (2002), partem de princípios de colaboração, de participação e de responsabilidade social e política dos indivíduos inseridos no processo educativo e de transformação social. Estes foram os norteadores dessa prática da psicologia na escola.

Vale ressaltar que criar um espaço de acolhimento individual fez-se necessário pelas demandas apresentadas pelos alunos no semestre anterior ao nosso trabalho. Essa atividade permitiu aos alunos interessados outro lugar de expressão de suas questões, ampliando os espaços de reflexão sobre si e as relações com os outros. Assim, a procura espontânea⁵ dos alunos numa ação conjunta às oficinas de grupo, compôs a proposta de intervenção psicossocial que articula a atuação em grupo com a atuação de acolhimento individual, buscando não cindir o indivíduo como propõe a psicossociologia.

A história de vida é uma ferramenta de historicidade. Ela permite ao sujeito “trabalhar” sua vida. Contar sua história é um meio de jogar com o tempo da vida, de reconstruir o passado, de suportar o presente e de embelezar o futuro. (GAULEJAC, 1996, s/p)

⁵ A procura espontânea dos alunos refere-se a livre escolha, vontade e interesse dos mesmos em compartilhar suas questões com a equipe de psicologia. Assim, o acolhimento consistiu em um momento de fala individual do aluno com uma das estagiárias de Psicologia, em dias disponibilizados para essa atividade que eram alternados aos dias dos grupos.

Paralelo a realização das atividades grupais, procuramos oferecer aos alunos um espaço individual para narrar sua história de vida e seus projetos futuros. Desse modo, a proposta de intervenção psicossocial foi marcada pelo processo de mudança, tanto por meio do acolhimento individual, quanto das práticas grupais.

Batista e Sousa (2007), na realização da atenção psicossocial com jovens, conjugam espaços e recursos coletivos e individuais “que possam produzir efeitos clínicos que atinjam a subjetividade dos indivíduos” (p.4). Veremos então, esta abordagem clínica no contexto da escola.

2 O POSICIONAMENTO CLÍNICO E A PSICOLOGIA ESCOLAR

Na instituição escolar, na maioria das vezes, o psicólogo ainda é colocado como profissional que atende os “alunos problemas”, e por sua vez, realiza atendimentos individuais, chamado de atendimentos clínicos. Aqui o psicólogo é chamado a um posicionamento. Que demanda é essa? De que clínica estamos falando? Somos chamados para escutar as relações educativas e a produção dos problemas de aprendizagem pela comunidade escolar.

O posicionamento clínico que estamos nos referindo não reduz o problema em um indivíduo ou centra-se na cura ou no tratamento do indivíduo-problema. Mesmo que seja um acolhimento de um único sujeito, este está circunscrito em um contexto social, de acordo com Sévigny (2001). O desafio é que o profissional se posicione no reconhecimento da articulação entre questões individuais e sociais apresentadas pelo público-alvo, no sentido de inaugurar novas formas de pensar a clínica.

Rocha (2004) critica o modelo clínico de atuação do psicólogo que tem ações focadas nos problemas de comportamento, na agitação ou qualquer outra forma de transgredir a norma, e que busca restaurar as condutas consideradas inadequadas. A autora refere ao percurso histórico da psicologia na escola, pautado numa referência de clínica tradicional, ou seja, de uma clínica que leva em consideração uma relação unilateral entre psicólogo/cliente, numa clínica do diagnóstico, modelo que também não compartilhamos, como a autora.

Outro modelo de atuação do psicólogo escolar, também criticado pela mesma autora é o modelo pedagógico, no qual o psicólogo tem a função de restaurar os processos de aprendizagem e, muitas vezes, atua na realização de diagnósticos de tais problemas, localizando-os nos alunos, e sugerindo novas técnicas (pedagógicas) de trabalho para os professores.

Por fim, Rocha (2004) apresenta o modelo institucional que nos convida a trabalhar com o cotidiano da instituição, as relações entre os agentes sociais, a produção coletiva de

saberes e conflitos advindos da tarefa educativa. Nesse mesmo sentido, Levy propõe (2001) pensarmos e atuarmos na intervenção psicossocial com um posicionamento clínico não só com o sujeito, mas com a instituição, com as relações institucionais. De acordo com este autor, a postura clínica supõe sujeitos vivos, desejanter e pensantes envolvidos na costura da sua história e das instituições. Uma clínica pautada numa prática de pesquisa, que atua na dinâmica das relações, que está voltada para os processos de mudança e que pensa os sujeitos em movimento e na coletividade. Enfim, uma intervenção que potencializa os sujeitos sociais em seu contexto escolar.

Essa abordagem clínica então pode ser realizada com práticas individuais e coletivas, que se articulem a partir dos atores em interação e cercado pelas condições sociais e culturais. A postura é escutar de perto as pessoas e possibilitar reflexões geradoras de emancipação, autonomia e autoria dos sujeitos sobre sua história e sobre a história da sociedade.

Concordamos com Barus-Michel (2004) ao afirmar que é necessário pensarmos intervenções psi que realcem a articulação entre as particularidades do sujeito e questões sociais que perpassam seu modo de ser. E mais, que o sujeito social não anula o sujeito individual, ambos coabitam e dialogam entre si.

Observamos que as representações do psicólogo escolar estão pautadas no modelo clínico tradicional e pedagógico. Confiamos em ampliar o modo de pensar e fazer clínica contemplando formas de atuação participativa dos atores do cenário escolar na construção cotidiana de espaços mais democráticos e emancipatórios para as práticas educativas e socialização e constituição dos sujeitos.

Tanto a intervenção individualizante quanto a emancipatória podem estar em ações coletivas e individuais. O acolhimento individual não significa uma escuta alienante ou descontextualizada e uma roda de conversa não garante uma prática participativa, democrática e transformadora. Estes métodos de intervenção, tanto o acolhimento individual quanto o trabalho em grupos, articulados, são edificados na multideterminação do sujeito, produto e produtor de uma história complexa que diz respeito, como aponta Gaulejac (2001), ao diálogo entre o desenvolvimento psíquico e sua existência social.

O processo de construção identitária é assim marcado pela continuidade e pela mudança; pela permanência e ruptura, pelo coletivo e singular, pelo previsível e aleatório, pela sorte e necessidade... (GAULEJAC, 1996, s/p).

As relações entre os sujeitos, a compreensão sobre a instituição e a sociedade, o lugar que ocupamos na relação social e institucional, a postura que adotamos de construir coletiva-

mente, de partilhar dúvidas e incertezas, de arriscar, de lidar com as frustrações, conflitos e limites, as configurações do espaço, do tempo e os processos subjetivos em cada situação dão o contorno da intervenção psicossocial.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Trabalhar com Intervenção Psicossocial na Educação para Jovens e Adultos (EJA) trouxe muitas contribuições para nossa formação enquanto psicólogas. Acreditamos que o espaço do estágio nos permitiu refletir sobre os processos e técnicas de grupo, sobre o acolhimento individual e as possíveis atuações do psicólogo no contexto escolar. Sendo assim o trabalho incitou questões importantes e gerou espaços de produções coletivas, entre a equipe psi e os alunos da EJA.

A partir da experiência de intervenção psicossocial na Educação para Jovens e adultos, colocamos a psicologia escolar para ser repensada e concordamos com Lopes e Souza (2009) quando dizem que “o desafio está na constituição de um campo de intervenção que institua um tempo/espaço de análises coletivas”. (p. 191).

Atuar com esta metodologia nos permitiu criar espaços individuais e coletivos de construção de conhecimentos pelos sujeitos sobre a escola, sobre as experiências de vida e sobre o processo educativo que estão imersos. Diante das trajetórias e circulação da palavra intensificada com a intervenção, novas produções de discursos, de saberes e de posicionamentos foram possibilitadas.

Todavia, outros aspectos e atores do cenário escolar devem compor a intervenção para promover mais transformações e rupturas da realidade educativa, como atividades conjuntas com os educadores e mesmo familiares.

Percebemos por meio de nossas vivências na EJA e concordamos com Lopes quando esta autora nos diz que “o desafio está na constituição de um campo de intervenção que institua um tempo/espaço de análises coletivas”. (p. 191). E foi com base nesta proposta que procuramos conduzir nossas práticas na intervenção psicossocial e pensar teorias que sustentassem e sugerissem formas de compreensão sobre individual e grupal, não como dois aspectos dicotomizantes, ou fragmentos, mas como dimensões dialéticas, que se estruturam a partir do diálogo e de articuladores entre si.

Observamos durante os espaços de intervenção que para muitos jovens e adultos, a escola representa um espaço de sociabilidade, de formação do saber e de desenvolvimento pessoal. Os alunos concebem a escola como lugar estruturado para a aprendizagem, não conse-

guindo conceber a aprendizagem em outra modalidade que não seja a sistematizada num currículo formal e pré-estabelecido dentro do rigor da escola regular.

Marcamos aqui alguns encaminhamentos na continuação do trabalho da Psicologia para os próximos contextos de intervenção: (a) realizar um trabalho de intervenção psicossocial com o corpo docente da escola, (b) continuar o trabalho com os grupos de alunos do ensino fundamental da Educação para Jovens e Adultos, (c) estar disponível para realizar acolhimentos individuais, quando solicitado e (d) participar e desenvolver atividades conjuntas com escola, alunos, professores e familiares.

As aprendizagens e as resignificações requerem negociações e escolhas entre diferentes sujeitos e cenários, que por sua vez, podem ocorrer ou se expressar em espaços mais ou menos compartilhados, em momentos, mais ou menos coletivos. O risco é fragmentar o sujeito e hierarquizar ou cristalizar as práticas coletivas e individuais como intervenções melhores ou inadequadas independentes dos sujeitos, das instituições e dos contextos. As dimensões coletivo/social e individual/pessoal devem ser pensadas dialeticamente na realização da intervenção psicossocial instaurando uma prática clínica ampla e contextualizada, fincada na relação entre sujeitos e instituições.

REFERÊNCIAS

AFONSO, L. (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

BATISTA, C.B.; SOUSA, L.S. de. Atenção psicossocial de jovens: uma experiência em psicologia comunitária. Artigo apresentado e publicado *online* nos **Anais do IX Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica**, UFMG, BH, 2007.

BATISTA, CB. OLIVEIRA, J.A.; CARDOSO, M.O. Psicologia social em uma instituição escolar: Relato de uma experiência com jovens e adultos. In: MAYORGA, Cláudia e PRADO, Marco Aurélio (org.) **Psicologia Social**: articulando saberes e fazeres. BH: Autêntica, 2007.

BATISTA, CB.; ANDRARE, V.S.F de. Educação Integrada e Espaços de Aprendizagens: diálogos entre escola e projeto social. *Gerias*: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 3(1), 2-11, 2010.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. A problemática clínica. In: **O sujeito social**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2004.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, Juarez (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, P.136-161.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª edição. p. 10, 2002.

GAULEJAC, Vincent. **Histórias de Vida e escolhas teóricas**. Em Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social; nº 1 – junho / 1996, Université de Paris 7, Paris. Traduzido por Vanessa Andrade Barros, para ser utilizado nas aulas da disciplina Engajamento Militante e História de Vida do curso de Mestrado em Psicologia Social, FAFICH, UFMG. Transcrição: Renata Amaral Araújo.

GAULEJAC, Vincent. Psicossociologia e Sociologia Clínica. In: Araújo, José Newton Garcia de e CARRETEIRO, Teresa Cristina (orgs.). **Cenários Sociais e abordagem Clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001.

LOPES, Selva Paraguassu e SOUZA, Luzia Silva. EJA: Uma educação possível ou mera utopia. **Revista Selva**. Disponível in <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2009.

LÉVY, A. **Ciências clínicas e organizações sociais**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

ROCHA, Marisa Lopes da. A formação na interface psicologia /educação: Novos desafios. In MANCEBO, Deise e JACÓ-VILELA, Ana Maria. **Psicologia Social: Abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos** –dois ed -Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

SÉVIGNY, Robert.. Abordagem clínica nas ciências humanas. In Araújo, J. N. G. de & Carretero, T.C. (orgs). **Cenários Sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta, 2001.